OCTÓGONO
Cadernos de polissemia artística
ISSN: 2976-0402
Número avulso (42)
9 de Agosto de 2026
Autoria e edição: Paulo Martins Oliveira

A OMNIPRESENÇA APOCALÍPTICA DO DIVINO SEGUNDO GREGÓRIO LOPES E FRANCISCO DE HOLANDA

PAULO MARTINS OLIVEIRA

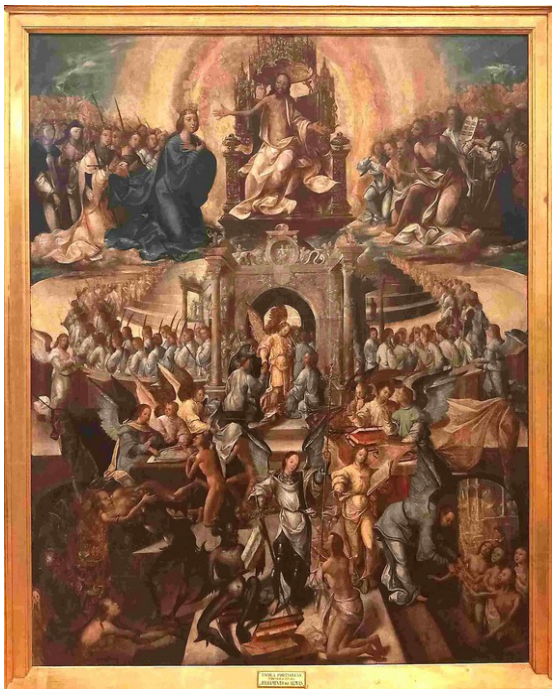
Sinopse Onde se aborda o jogo de ambiguidades na parte superior do *Julgamento Final* (MNAA), convergindo aí os quatro elementos da matéria.

Palavras-chave Gregório Lopes; Francisco de Holanda; pintura portuguesa do século XVI.

Online academia.edu archive.org blogspot.com youtube.com

Disponibilização Creative Commons Attribution 4.0 (CC BY-SA 4.0)

Integrando a colecção do MNAA (Inv.71 Pint.), o quadro conhecido por *Juígamento Final* (ou *Juízo Final*, ou ainda *Julgamento das Almas*) é um dos ícones da pintura portuguesa de meados do século XVI, do qual em números anteriores já se apresentaram alguns exemplos da criatividade aí expressa por Gregório Lopes e Francisco de Holanda[1].



Gregório Lopes e Francisco de Holanda, *Julgamento Final*, MNAA [PMO].

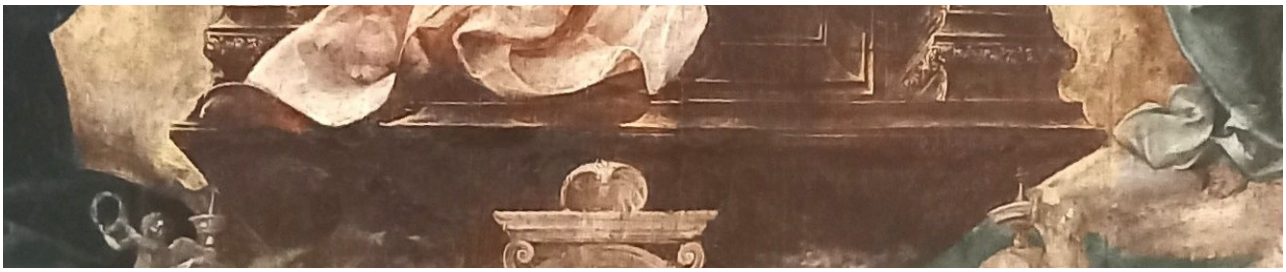
1 Cf. *Octógono* – número avulso (9) / 30 de Março de 2025 – "Arte e cartografia no século XVI: o rectângulo angélico", pp.1-2 [academia.edu | archive.org]; *Octógono* n.23 / Janeiro de 2026 – "O horrendo portal manuelino da Golegã", p.9 [academia.edu | archive.org]; *Octógono* n.24 / Fevereiro de 2026 – "Os pelicanos de Camões e o Bucéfalo de Filipe II", p.11 [academia.edu | archive.org]; e *Octógono* n. avulso (37) / 8 de Julho de 2026 – "Apontamento sobre um diabólico monograma AP (Álvaro Pires)", p.1 [academia.edu | archive.org].

Por seu turno, este apontamento foca a engenharia simbólica desenvolvida no topo central, onde a composição celebra a glória omnipresente de Cristo.

Assim, nos céus e enquadrado pelo Sol radiante, o Messias tem igualmente uma presença dinâmica, pois é sugerido como chegando num dourado "carro" marinho puxado por golfinhos também de ouro, dos quais apenas é modelado um – justamente no lado de Maria, cujo nome é traduzível como Senhora do Mar[2], e a qual por sua vez "brota" e corporiza-se de um manto metamorfoseado de ondas oceânicas.

No lado oposto, João Baptista encontra-se nas margens do plácido rio Jordão, ficando sugerido que, nesse lado, o trono de Cristo entra e assenta em terra firme.

dets.



Portanto, no Cristo celeste (ar) e num enquadramento solar (fogo), convergem a água e a terra, ficando simbolizada a omnipresença do Juiz-Criador que no fim dos tempos, tendo feito destruir o mundo antigo, fará surgir um outro para a eternidade.

A terminar deve ser notado que este dispositivo alegórico é "apenas" um dos muitos gizados numa pintura ele própria sinónimo de criatividade e engenho[3]

2 Cf. Pde. António VIEIRA, "Sermão de Sto. António", em *Sermões escolhidos – Padre António Vieira* (sel., introd. e notas por Maria das Graças Moreira de SÁ), Ulisseia, 1999, p.75.

3 Considerando especificamente a cena aqui analisada, ela interessa ainda por uma camada subsidiária de natureza política, a abordar noutro apontamento.